

Miguel Babo

**DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA**



**E
DOS T.S. QUE POR LÁ
ANDAM**

MIGUEL BABO

1999

Vós, meus contemporâneos, condiscípulos e amigos: Que o testemunharam e viveram comigo...
...vede se eu minto.

"O motivo da minha obrigação foi o seguinte: Sendo eu um homem sempre disposto a conquistar, unicamente como sujeito de luta, como elemento de força, as forças da vida, posso afirmar que o maior sacrifício, produzido por mim até hoje, foi o da formatura...

De resto, logo aos primeiros tempos previ cinco anos, perdidos em busca duma situação de luta que a nada me habilitaria no futuro, se o meu espírito apenas tivesse a alimentá-lo o que a Universidade lhe vendeu tão caro e tão reles!"

Carlos Babo, 1906

Em cada momento, depara-se-nos um vastíssimo conjunto de perspectivas futuras que a Vida se encarrega de reduzir aos momentos que vão fazendo a nossa história, num antecipar deficiente de um futuro tão vasto. O que nos leva a traçar um determinado caminho e não outro? Na nossa memória, vamos conservando todos eles que, sendo pretérito, porém, interessa reconstruir para que a esperança não morra.

Quis o destino que aos dezassete anos de idade escolhesse eu o caminho que me levou àquele que tanto me custou a percorrer na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra: o da Licenciatura em Engenharia Química. Tal como o meu avô no passado, senti que *"Uma vez dentro da porta fatal, naquela horrorosa escuridão mefítica, sentia a impressão de que me caíam no espírito pingos de cera e gotas de ferrugem! Ali tudo é velho, tudo é bolorento!"*

Quase um século depois a única diferença era que o velho estava mais velho e o novo era tão ou mais bolorento do que o velho.

Ao aluno de engenharia entrado na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra surge-lhe o mais triste quadro do ensino nacional. A maior negação possível daquilo que deverá ser o ensino, a tradição na sua conotação mais negativa, a clausura absoluta da instituição ao mundo e ao saber. Cada professor é como um senhor feudal: autoritário, caprichoso e, acima de tudo, impune. O Sr. Prof. pode cometer as maiores barbaridades, injustiças, abusos, faltas de educação, só tendo que prestar contas à sua própria consciência que, na grande maioria dos casos, é um autêntico "buraco negro", usando a sua própria linguagem, dita científica. Há exceções, como é evidente. Professores na verdadeira acepção da palavra, cientistas de valor reconhecido, pessoas de valor humano inquestionável,

no entanto, infelizmente, não têm a força, a capacidade, para se imporem, fazerem escola. A verdadeira escola, espírito reinante, está totalmente subjugada "aos outros".

As grandes excepções dos dois primeiros anos foram o Prof. Doutor Formosinho Simões, um dos expoentes máximos da ciência portuguesa e o saudoso Dr. Joaquim Namorado que nos seus modos pouco politicamente correctos, marcava todo o Departamento de Matemática, honrando-se, pela diferença, no meio que ele não se coibia de criticar quanto a métodos e valores. Foi numa dessas aulas, das poucas que poderei apelidar de aulas, ao longo dos anos que por lá andei, que o Dr. Joaquim Namorado me disse, ao saber que me encontrava a frequentar o curso de Engenharia Química:

- Foste escolher o curso mais "chato" de todos. Também aí se revelou conhecedor e verdadeiro mestre. Será que os conhecia?!

---«0»---

Passados os dois primeiros anos de curso, tinha atrasadas quatro cadeiras, das dezoito curriculares, como não podia deixar de ser devido às muitíssimas borgas e excessos que me deixaram um gosto amargo na boca muito para além das ressacas.

Preparava-me então para dar início à fase mais importante, fastidiosa e absurda da minha carreira estudantil: a entrada para o departamento autónomo de Engenharia Química, mais conhecido pelo Laboratório Químico. Não seria fácil esse meu terceiro ano de Faculdade. No meio de um jogo de Basquetebol, senti-me mal e regresssei a casa dos meus pais, na Figueira, com uma apendicite aguda que demoraria oito dias a diagnosticar, dadas as

condições, infelizmente raras, do meu caso. Esta apendicite valeu-me dois meses intercalados de internamento, três intervenções cirúrgicas, seis meses de "molho", e uma disposição perfeitamente nefasta.

Os reflexos no curso foram, basicamente, a perda desse ano, a que eu, não satisfeito, juntei outro, no ano que se seguiu. Um comportamento absurdo, dedicando-me quase exclusivamente ao Basquetebol num marasmo estudantil inexplicável. Tudo isto me lançou numa situação dramática. No final, tinha perdido dois anos, sem ter ainda entrado na, considerada por todos, fase mais difícil do curso: os três últimos anos no departamento. Das principais consequências ainda eu não me tinha apercebido muito bem quando, finalmente, resolvi lançar-me de corpo e alma, a acabar aquilo a que me tinha proposto e a cuja obrigação filial, de dever e gratidão, me sentia obrigado.

Interessa aqui, de modo sucinto, fazer um quadro da situação estudantil em que me encontrava.

Primeiro, tinha perdido alguns dos meus colegas e poucos amigos que me acompanhavam no curso desde o primeiro ano. Entre eles, o meu companheiro desde o segundo ano do ciclo, Filipe Lopes, aluno brilhantíssimo e grande amigo, que substituíra com enorme vantagem os professores e que tanto me valeu.

Segundo, o curso tinha sofrido uma aberrante reforma, liderada pelo então e actual presidente do departamento Prof. Doutor Lélío Quaresma Lobo, que, sendo uma das únicas excepções do departamento, no que respeita à qualidade das aulas, tem atrás de si, para sua vergonha, a imagem da sua mais representativa obra: o departamento de que, em má hora, fiz parte. A reforma transformou um curso extremamente teórico, massudo e difícil,

num curso extremamente teórico, massudo e difícil, com uns acréscimos de aulas de laboratório e trabalhos práticos entediantes que junto ao resto o tornavam em algo grotesco. Por outras palavras, mantinham-se todos os conteúdos anteriores com um aumento de trabalhos, pretensamente práticos, porque de práticos não tinham nada, constituídos, na maioria dos casos, por fastidiosas simulações computacionais. Isto originou que, nesse terceiro ano, nenhum aluno tivesse concluído, na época regular, a totalidade das disciplinas do ano. E não se minimize este facto. Grande parte dos alunos de Engenharia Química são alunos com notas muito boas nas cadeiras gerais e capazes de decorar a lista telefónica nacional, se a isso forem obrigados, sem sequer se questionarem ou revoltarem. Simplesmente era demais. Os próprios reformadores, numa atitude magnânima, única, resolveram, numa deliberação concertada, diminuir, nos anos posteriores, o número de trabalhos entregues. Enfim, com a nova reforma, acrescentavam-se conteúdos e trabalhos que justificariam bem mais dois anos de curso. Claro está que nenhum destes conteúdos se orientava para áreas que não fossem específicas: todos conteúdos técnicos sempre de índole profundamente teórica e praticamente sem interesse nenhum. Uma reforma feita por Teóricos que nunca foram Engenheiros na vida e que, pêlos vistos, nem sabem o que isso é.

Em toda a Universidade, e, em especial, no departamento, esquecem-se que o funcionamento das válvulas, dos reactores, dos aparelhos de medida e tudo o mais, mudam em pouquíssimos anos e que a preparação técnica de um engenheiro deve passar por uma estrutura básica geral, o mais clara e sólida possível, de modo a poder adaptar-se ao novo, ao específico, consoante a área, consoante as necessidades. Para além disso, o Engenheiro não é um elemento isolado numa empresa, é, normalmente, uma entidade que tem

associada uma quantidade de factores materiais e humanos que ultrapassam, e de que maneira, a área técnica. A todo o cidadão, e, de algum modo, mais ao engenheiro que tem responsabilidade acrescida, exige-se o rigor técnico, mas também integridade de carácter, honestidade, justeza nas suas decisões. O Departamento de Engenharia Química é uma escola de tecnocratas em que se estimula a competitividade sem escrúpulos, a denúncia, a ambição desmesurada, a deslealdade, tudo feito à imagem dos seus tutores que, na sua sobranceria, são o produto acabado da ignorância crassa. Pensam que o "Crime e Castigo" é o último filme do Shwarzneger, e que o Robespierre é algum Travesti de Cabaré.

---«O»---

O meu terceiro ano foi, como se viu, um ano de convulsões no departamento. Apesar da sua inércia, os alunos sentiam-se absolutamente defraudados nas suas altas expectativas. Estavam habituados ao sucesso escolar e viam-se agora numa situação completamente injusta. No íntimo, todos se sentiam revoltados, embora sem coragem para expressarem em luta a sua revolta.

Com a nova reforma, criaram-se algumas cadeiras novas em todos os anos. Nós, alunos da antiga reforma, deveríamos agora frequentar aquelas a que não tínhamos obtido equivalência. Uma delas era uma cadeira do segundo semestre do primeiro ano chamada Introdução à Engenharia Química. Era a única cadeira do primeiro ano que tinha lugar no departamento. Laboratório Químico. Servia para uma pretensa adaptação ao departamento, e logo leccionada pela pessoa mais importante do mesmo, o seu presidente, Prof. Doutor Lélío Quaresma Lobo.

Os alunos provenientes da antiga reforma que se encontravam no terceiro ano tinham então que frequentar esta cadeira que constava de mais um trabalho bibliográfico e da assistência obrigatória às aulas. O Prof. Doutor Lélío Quaresma Lobo, como já disse, um bom professor, com uma memória brilhante, conhecendo os alunos quase todos pelo seu nome completo, com inúmeras qualidades reconhecidas, pessoa normalmente simpática e de bom trato, tinha a particularidade de se transformar quase por completo em determinadas situações. Uma delas era nos dias das frequências, quando se tornava intratável e irreconhecível. Sentia-se no direito de destratar, com alguma facilidade, os seus professores assistentes e alunos. Aos professores assistentes ainda se desculpava já que só lho admitiam por falta de personalidade ou bajulação, agora aos alunos era francamente incorrecto dada a sua situação quase indefesa. O Sr. Prof. Doutor esquecia-se, nesses momentos, que os alunos eram pessoas adultas e merecedoras de todo o respeito, como qualquer cidadão, seja qual for a sua situação social, mesmo que seus subalternos. Estes são valores que o Prof. Doutor Lélío Quaresma Lobo nestas ocasiões pontuais se esquecia, por razões ocultas do seu temperamento, mas totalmente desconhecidos para a grande maioria dos senhores doutores da Universidade de Coimbra.

Dada esta peculiar característica do seu feitio e a normal formalidade do seu trato, o Prof. Doutor Lélío Quaresma Lobo infundia, indiscutivelmente, um profundo respeito que não me lembro ter sido posto em causa, o que depõe, sem dúvida, a seu favor.

Na primeira aula da cadeira de Introdução à Engenharia Química, o Prof. Doutor apresentava, no seu melhor estilo, em seu nome e no de todos os funcionários e docentes, o departamento, fazendo votos para que todos fossem muito felizes e que aí obtivessem os maiores sucessos. Passava-se

depois a uma fase de apresentação individual, por ordem alfabética, em que cada um dizia, basicamente, de onde vinha e porque tinha escolhido Engenharia Química, se até agora estava a gostar, etc. Não nos esqueçamos que se tratava de alunos do primeiro ano. Até aí tudo bem. O meu choque foi, quando comecei a ouvir, colegas meus, do terceiro ano, a quem me tinha cansado de ouvir dizer "cobras e lagartos" sobre o curso, tecerem-lhe agora os mais rasgados elogios incluindo as tais aulas de laboratório que, segundo eles, vinham dar um cariz mais prático ao curso, e por aí adiante.

À medida que se ia aproximando a minha vez, a consternação, cá dentro, ia aumentando. Chegada a hora de falar, declarei que tinha escolhido Engenharia Química porque pensava que seria de todos os cursos de Engenharia o menos "chato", mas que obviamente me tinha enganado; que as horas passadas nos laboratórios, a propósito da nova reforma, tinham sido, por ventura, as mais inúteis e entediantes da minha vida e que, até agora, tinha detestado o curso e em particular o departamento. Fez-se um silêncio constrangedor e o Prof. Doutor, como lhe cabia, tomou a palavra. Visível e compreensivelmente contrariado, as suas primeiras palavras foram num tom quase cavernoso: "Porque é que não se vai embora?" Respondi, não sem uma certa insolência, que era mais uma defesa pelo constrangimento da situação: "Agora já é tarde". A aula decorreu depois normalmente tendo o Prof. Doutor, aliás com algum interesse e elegância, contado que achava que todas as pessoas deveriam procurar fazer aquilo que mais gostavam, observação com que concordo absolutamente.

Este episódio teve bastante importância na minha carreira académica. O Prof., embora o meu comportamento lhe tivesse sido de algum modo hostil e muito pouco simpático, nunca, em nenhuma circunstância, me prejudicou fosse no que fosse, ou me tratou de forma menos correcta. Mostrou

que tinha categoria e que, acima de tudo, não colocava em causa a sua idoneidade profissional e ética pela provocação, não premeditada, é certo, a que tinha sido sujeito.

A minha inocência, ingenuidade e juventude arrastaram-me para uma generalização totalmente errónea sobre os níveis mínimos de carácter do Prof. Universitário. Pensava eu que em nenhuma circunstância se seria capaz de mentir numa nota, de se prejudicar ou favorecer deliberadamente um aluno por razões meramente pessoais e à revelia do seu desempenho, que havia um limite mínimo para a perseguição velhaca, a calúnia, a falta de dignidade. Porém eu ainda não tinha conhecido o outro catedrático do departamento: o Prof. Doutor Tavares da Silva, mais conhecido por T.S., vá-se lá saber porquê!

---«O»---

Dois anos depois do início da cruzada do departamento encontrava-me com a certeza que o número de cadeiras que me faltava para acabar o curso me obrigaria, pelo menos, a mais dois anos de sacrifício. Nesse ano decidira fazer, metade das cadeiras do quinto e último ano, incluindo a de Projecto Industrial. Esta cadeira clássica de todos os cursos de Engenharia consta, normalmente, de um projecto final, onde se procura aplicar muito daquilo que se foi aprendendo ao longo daqueles anos. Todos os alunos que iniciaram a nova reforma estavam completamente esgotados, é o termo, com o trabalho a que tinham sido sujeitos naqueles dois últimos anos. Todos tinham cadeiras atrasadas e encaravam agora com bastante apreensão o desenrolar deste último e decisivo ano. O departamento e os reformadores tinham tentado retroceder na utopia inicial, mas muito longe do necessário,

de forma que mais um ano terrível era com o que poderíamos contar.

Quanto ao professor de projecto, o Prof. Doutor. Tavares da Silva, não tinha grandes referências a seu respeito, a não ser aquelas transmitidas pêlos meus colegas de anos anteriores: *"O Velho é um incompetente, não faz nenhum, dá as notas consoante o curriculum e as suas simpatias. Em relação às mulheres, o primeiro factor é o tamanho das mini-saias e a quantidade e qualidade do que mostram. Mas passa toda a gente e não chateia ninguém "*.

---«0»---

O inimigo público número um de todos os alunos de Engenharia Química era, e penso que continua a ser, um outro professor, o Dr. Almiro e Castro. Com uma disfunção absoluta, em termos académicos, em relação à realidade em que insere, este professor do departamento avalia os seus alunos e estabelece as suas exigências, tendo como única referência e padrão absoluto ele próprio, o que se tem revelado um erro. Muito inteligente e absolutamente escravo do trabalho, do género de trabalhar dezasseis horas por dia ou mais, este professor transformou as suas disciplinas, Dinâmica de Sistemas e Controlo Automático, num autêntico calvário para todos os que nos últimos quinze anos passaram por aquele departamento. O grau de dificuldade era tal que nenhum dos seus professores assistentes era capaz de resolver satisfatoriamente, ou simplesmente explicar, o que o professor pretendia. A eles não valia a pena recorrer. Embora o Dr. Almiro estivesse sempre disposto a auxiliar e esclarecer, e apesar da sua capacidade de trabalho, não lhe era absolutamente possível responder a todas as solicitações. Os trabalhos que exigia para admitir um aluno a exame eram de tal forma

que se chegava a estar um ano lectivo inteiro, e em regime de quase exclusividade, para os concluir. As consequências de tudo isto eram as piores. Inúmeros alunos ficaram "presos" vários anos apenas por estas duas cadeiras, com todas as gravíssimas implicações pessoais que isso envolve, e muitos nem sequer chegaram a acabar a licenciatura. Ficaram assim impedidos de seguir normalmente as suas vidas por causa dessas cadeiras que não eram em nada mais importantes que muitas outras do curso. O Dr. Almiro tem ainda outras particularidades: é um indivíduo de grande personalidade e por tudo quanto pude avaliar, de carácter. Era igual para todos. Por outras palavras, prejudicava, com aquele nível de exigência absurdo, em matérias demasiado específicas, toda a gente. Não admirava que fosse a pessoa mais detestada do departamento e que a grande maioria dos alunos considerasse o T. S., quando comparado com ele, "um santinho que não chateava ninguém". Passava toda a gente, embora prejudicando uns e favorecendo outros, de acordo com as suas vontades.

---<O>---

O meu estado de espírito em relação ao T. S. era de perfeita indiferença. Tinha um aspecto positivo: o facto de ser contra a reforma, embora, tal como o vim a comprovar de imediato, essa antipatia não se devesse à reforma em si, nem aos problemas que criara a todos os alunos, mas ao simples facto de não ter sido "perdido nem achado" para a sua elaboração e execução. A inveja roía-o. Ele, o Prof. mais antigo do departamento, não estar ligado a uma alteração profunda que por lá se fizesse, ou melhor, que o seu nome não constasse para a posteridade, era algo que a sua vaidade não podia tolerar. A aversão que tinha ao Prof. Doutor Lélío Quaresma

Lobo, que lhe usurpara o protagonismo, era comentada por todos.

Eram estas todas as referências que possuía a respeito do T. S., quando, no início do ano lectivo de 1990, compareci na primeira aula de Projecto Industrial no Anfiteatro do Laboratório Químico.

Coíbo-me, obviamente, da descrição física do T. S., mas não posso deixar de frisar uma coisa que a todos, desde o primeiro momento, chamou a atenção: um sorriso amarelo, que nunca se lhe arrancava do rosto. Normalmente esta particularidade está associada a uma anomalia de foro psíquico, mas que a nenhum de nós, pelo menos naquela ocasião, sequer lhe passou pela cabeça.

O discurso de apresentação do T. S. foi algo de inimaginável. Começou por tratar a todos, por estudantes e nunca por alunos, sim, porque ele era diferente, ele não era um qualquer, existia uma grande diferença entre aluno e estudante. Enfim, tínhamos que lhe perdoar isto, afinal "ele não chateava ninguém", diziam. Na sua breve, mas eloquente apresentação, num tom de voz que, fisicamente falando, apelidaria de viscoso, fez-nos notar que era professor da cadeira de Projecto Industrial, porventura uma das mais importantes do curso, há mais de quinze anos. Seguidamente comunicou o que os alunos, perdão, os estudantes, teriam que apresentar durante esse ano: um projecto de uma fábrica de ácido sulfúrico. Nesse momento, houve uma certa incredibilidade. Com o pouco que se sabia, ninguém conseguia ver um interesse prático possível para tal projecto. Um projecto industrial para a produção de ácido sulfúrico não parecia de qualquer interesse, de acordo com a realidade do país, pelo menos nos próximos duzentos anos. Mas desde logo demos o benefício da dúvida ao T.S.. Afinal algum projecto teríamos que fazer e porque não esse?! De mais a mais "o velho não chateava ninguém". Mas a surpresa maior ainda estava para se

revelar. O T.S. acabava de nos comunicar que teríamos que nos sujeitar a duas provas escritas de frequência. A consternação foi geral. Nunca o tinha feito, porquê agora, ainda por cima sabendo que nos encontrávamos a braços com uma nova reforma extremamente castigadora em termos de trabalho? Por outro lado, em nenhum outro curso de Engenharia, fosse ele qual fosse e aonde fosse, nos constava que existisse exame ou qualquer prova de frequência. O projecto era isso mesmo, um projecto, onde se aplicava aquilo que vínhamos a aprender ao longo daqueles infelizes anos de curso. Estava claro, que o T.S. nos queria utilizar. Forçando-nos a novas exigências, demonstrava a inexequibilidade da nova reforma. Várias pessoas manifestaram logo o seu desagrado, questionando o T.S. do porquê de semelhante exigência. A resposta foi lacónica. Naquele sibilar viscoso, respondeu. *"Porque eu considero que a avaliação escrita é fundamental para a avaliação do estudante"*. Aí, eu que até então, praticamente não me tinha manifestado, não aguentei: *"Sr. Prof. então o Sr. que ainda agora acabou de dizer que já é Prof. de projecto há mais de quinze anos, só agora é que descobriu que a avaliação escrita era fundamental para a avaliação do estudante?!"* Bom, o T.S. depois do seu sorriso amarelo, por momentos, se ter tornado verde, respondeu irado: *"O quê?"* Repeti então o que ele tinha acabado de ouvir. Convencido de ter encontrado uma resposta à altura replicou: *"Como é que o Sr. pode estar contra uma coisa que ainda não fez?! Os cábulas é que têm medo dos exames (ou coisa parecida)"*. Fiquei elucidado quanto à inutilidade da discussão. Dali não saía nada e comecei então a reparar com mais atenção naquele sorriso estranho. Os ânimos serenaram um pouco até à próxima exigência. Todos tinham que entregar um curriculum com as classificações obtidas desde o 12º ano do ensino secundário, acompanhado de uma fotografia que não poderia ser fotocópia. Foi então que

cometi um novo erro em relação ao T.S. Interrompi-o, coisa que não se faz, e perguntei-lhe se poderia ser uma fotografia de corpo inteiro. É que não tinha das outras. A minha insolência justificava-se plenamente. Pensei mesmo que ele nem se aperceberia. Apercebeu-se e não achou grande graça, devo dizer. Estava terminado o primeiro de muitos episódios com o T.S. que infelizmente ainda estavam para acontecer para minha infelicidade e asco.

---«0»---

No final da aula e em conversa com alguns colegas resistentes, chegámos à conclusão que aquilo não poderia ser e que deveria ser tomada uma atitude. O Paulo Salvador e eu ficámos de redigir uma carta, que seria um abaixo-assinado, em que iríamos expor as razões por que não concordávamos com este extemporâneo aparecimento de avaliações escritas, alegando que nenhum outro curso de Engenharia em qualquer Universidade do país o fazia e, como tal, nos recusávamos a comparecer nos momentos das ditas avaliações. Nessa mesma noite, pusemos mãos à obra com um resultado que considerámos satisfatório. Era um documento moderado mas resoluto e, por outro lado, tão premente e razoável que estávamos particularmente optimistas quanto à adesão dos colegas. No dia seguinte, apresentámo-lo e procedemos à recolha das assinaturas. Nesse momento, o momento de assinar, um grupo de outros colegas apresentou-nos uma proposta, segundo eles, menos precipitada e conciliatória, sem lugar a tantos extremismos. Nós dávamo-lhes a carta e eles, numa atitude altruísta, iriam ter uma conversa com o Professor que era um "gajo porreiro". Achámos aquilo sem grande nexos mas também não queríamos ser acusados de má vontade.

Passados alguns minutos, regressaram da sua temerária missão. Estava tudo resolvido, não era preciso carta nenhuma, nenhum abaixo-assinado porque o Prof. Ihes tinha garantido que aquilo era mais um pró-forma, que não levantaria qualquer problema e o melhor seria nós, quando a altura chegasse, comparecermos. Quanto à carta, essa tinha ficado com o professor, já que agora era totalmente desnecessária. Esqueceram-se de nos contar, certamente por lapso, que também tinham revelado, ou pelo menos dado algumas pistas, sobre quem tinha redigido o abaixo-assinado. Por mais incrível que pareça, foi nestes termos que ficaram as coisas. O ano era muito trabalhoso para todos e claro está que em grande parte do semestre a nossa atenção e concentração estava dispersa por muitas disciplinas e trabalhos. No entanto, as aulas de Projecto sucediam-se. O Professor corrigia uns trabalhos de casa, vejam só, que ele ia mantendo iguais ano após ano. Passava assim os tempos das aulas. Nós limitávamo-nos a copiar, ou dos livros ou de cadernos de anos anteriores, os tais trabalhos de casa que não tinham nada a ver com nada, e muito menos com o nosso projecto. Houve por isto uma convivência pacífica, durante algum tempo, neste acordo tácito de não agressão. Ele não fazia nenhum, fingindo que dava aulas com aqueles trabalhos e nós também não ligávamos nenhuma àquilo porque tínhamos muito mais coisas para fazer. Tudo correu bem até ao dia da frequência. O T.S. que garantira que aquilo era só um pró-forma, dava-nos dois problemas que se revelaram bastante complicados de resolver. Descobriu-os num livro de exercícios resolvidos e agarrou-se a eles para nos fazer a frequência. Nós é que não fazíamos bem ideia do que se tratava. Numa cadeira daquelas, tudo o que dizia respeito à Engenharia Química era passível de ser questionado. No final, em alguns casos, o nervoso transformou-se em histerismo. As mulheres, nestas coisas, são mais extrovertidas. *"O velho isto e o velho aquilo;*

e eu só fiz um dos problemas e ainda por cima não fiz. nada de jeito; e eu não consegui fazer nenhum; e eu não fazia ideia do que aquilo tratava". Todos num rol de lamentações, num coro de carpideiras. A partir daqui, passaram a levar o T.S. um pouco mais a sério. Entretanto, em grupo de três, entregávamos a primeira parte do projecto. Não importa saber do que tecnicamente se tratava, fica apenas que era algo que o T.S. não percebia nada e portanto não podia criar problemas. Depois de feito - e o trabalho que deu! - estávamos descansados durante algum tempo, pelo menos até ao final do segundo semestre, onde, finalmente, faríamos um último grande esforço para a entrega do Projecto Final.

Mas uma autêntica bomba me aguardava: a entrega da tal primeira frequência. As classificações eram completamente incríveis, desde 18 a 8 e 9 valores, com uma única excepção, a minha nota de 4 valores. O golpe tinha sido terrível e perfeito. Favorecendo uns e prejudicando outros, dividia-nos inexoravelmente, o que não era difícil, mas, mais do que isso, retirava legitimidade a qualquer reclamação. Para todos os efeitos, eu e outros que reclamássemos, fazíamos-lo movidos, não por uma questão de justiça ou indignação, mas, pêlos próprios interesses pessoais: a defesa do nosso desaire. Teria sido uma jogada maquiavélica bem feita se não fosse tão óbvia e tão reles! As meninas que não tinham segurado as lágrimas e os gritinhos no final da frequência, esqueciam-se de que só tinham feito um grupo cotado com 10 valores, e que, segundo elas, mal feito, e que tinham obtido classificação de 16 valores ou superior. Quanto à minha nota, com toda a certeza e apesar de tudo tinham feito muito melhor do que eu, só poderia ser, porque aquele professor era muito bonzinho. Aquele a quem tinham, com escárnio, chamado velho estava agora trinta anos mais novo. Merecia menos 5 cm na mini-saia. É evidente que nem todas as minhas colegas reagi-

ram assim e muitas, que até tinham tido boa nota, disseram para que todos ouvissem que se sentiam favorecidas e que a minha situação era escandalosamente injusta. Fiquei reconhecido às minhas companheiras de grupo, Olga Freitas e Isabel Gonçalves, pela solidariedade e companheirismo. A todos os outros colegas que me apoiaram, que não cito apenas porque não quero correr o risco de esquecer alguém, decerto lhes basta a certeza da consciência leve, e a satisfação de, caso neste momento me acompanhem nestas palavras, sentirem que a verdade não pesa.

O resultado da frequência deixara-me extremamente preocupado. A intenção nítida do T.S. me prejudicar tomara proporções que eu não previra, e que nem imaginara ser possível. A primeira decisão que tomei foi a de que, em circunstância alguma, voltaria a apelar a uma acção conjunta, à união de todos os colegas. Qualquer que fosse a atitude que tomasse a partir de agora, seria sempre do foro estritamente individual e pessoal. Decidi dirigir-me ao gabinete do T.S. e solicitar-lhe a consulta da minha prova escrita. À entrada do gabinete, notei-lhe a surpresa. A primeira coisa que me disse foi: *"Eu não devia perder tempo consigo. De qualquer modo aqui tem a sua prova"*. As cotações colocadas na margem da prova, davam, somadas, nove valores. Já prevendo qualquer artimanha, perguntei-lhe, embora já soubesse, porque ele já o tinha dito na aula, a cotação atribuída a cada uma das questões. Naquele seu ar único, respondeu: *"Isso foi cotado com dez para cada pergunta"*. *"Bom, então o Sr. Prof. teve aqui um pequeno engano e, em vez de quatro, eu obtive nove valores"*. *"Ah!, isso foi cotado para quarenta e dividido por dois"*. Embora completamente desconcertado com tamanha desfaçatez, ainda repliquei: *"Então se fosse assim eram 4,5, o que é 5 e não 4"*. Note-se que o T.S. tinha dito na aula que faria média aritmética com as frequências do primeiro e segundo períodos e, por isso, poderia

ter influência um valor a mais ou a menos em cada uma delas. A resposta que me deu foi: "*Nessa ordem de valores pouco importa*". Ainda repliquei, quase rosnando: "*Então tivesse-me dado cinco*". E saí antes que perdesse a compostura.

Com este desfecho, resolvi ir até às últimas consequências: protestar formalmente a nota e ir até ao tribunal se fosse preciso. Pior não me poderia acontecer e, se não tomasse nenhuma atitude, estava sujeito a reprovar ou a nunca mais terminar a licenciatura que tantas provações já me tinha feito passar. O passo seguinte foi marcar uma entrevista com o Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Prof. Doutor Craveiro Gomes. Entretanto, em conversa com outros colegas, numa troca de impressões sobre tudo quanto se estava a passar, dei-lhes conta da minha resolução. Um deles, o José Eduardo, que muito justamente também se sentia lesado com a classificação atribuída na sua prova, salvo erro, 8 ou 9 valores, juntou forças comigo para conseguirmos a tal entrevista e que se fizesse justiça. Não me lembro bem quanto tempo se passou mas, por fim, lá conseguimos ser ouvidos, diga-se de passagem por influência do José Eduardo, cuja família mantinha relações de amizade com o Prof. Craveiro Gomes.

Entrámos no gabinete e, realmente, o Prof. Doutor foi extremamente cordial. Bem, em relação ao José Eduardo já que eu parecia ter-me tornado invisível. Uma nova faculdade de que passava a auferir, a invisibilidade. Como se eu ali não estivesse, o Sr. Prof. inteirou-se da situação. O José Eduardo não as poupou e, no final, o Sr. Prof. estava preocupado. Achava que, decerto, de um mal entendido se tratava e que se comprometia a chamar o Prof. Doutor. Com ele iria ter uma conversa que conduziria com toda a certeza à resolução de tão desagradável situação. Os meus poderes de in-

visibilidade eram de períodos limitados e, de repente, voltei a ser visível. O Sr. Prof. dirigiu-se-me para se despedir. Como não tinha aberto a boca até aí, senão para dizer boa tarde, achei que, apesar do tempo do Sr. Prof. ser preciosíssimo e que não se poderia gastar com alguém como eu, cujo sobrenome nada lhe dizia, ousei dirigir a palavra directamente ao Sr. Prof. Doutor. O meu problema não era bem o exposto. Eu estava ali para que a minha prova fosse objecto de recurso já que o Sr. Prof. Doutor Tavares da Silva, seu excelentíssimo colega, tinha mentido e falseado o resultado. Estava ali para que o Sr. Prof. Doutor me encaminhasse, na medida das suas possibilidades, naquilo que fosse necessário fazer para tal. O Sr. Prof. Doutor Craveiro Gomes explicou-me então que, na Universidade, era impossível recorrer de uma nota. Vim mais tarde a saber que as coisas não são bem assim, o que leva a concluir que uma pessoa tão competente e informada como o Sr. Prof. Craveiro Gomes ou não o era ou não quis dizer a verdade. O Sr. Prof. Doutor aconselhou-me ainda, como um pai, a que eu estudasse. Nesse conselho mostrava verdadeiramente e pela única vez a sua verdadeira opinião sobre o assunto.

Depois desta elucidativa entrevista, fiquei absolutamente convencido que a minha situação era muito grave. O T.S preparava-se para me chumbar e nada havia que eu pudesse fazer. Fiz das tripas coração e resolvi que ainda não estava entregue. Usaria dos seus próprios meios para me safar. Engoliria em seco e usaria de todo o cinismo possível para que ele não tivesse coragem para me reprovar.

Cumpri integralmente o plano, à excepção de uma ocasião. No decorrer de uma das tais aulas em que o T.S. corrigia os trabalhos de casa que todos copiávamos, fingindo que dava aulas, aconteceu o insólito: ele, que tão bem sabia cumprir o acordo tácito estabelecido de não agressão, fez uso de

um golpe de teatro. A meio de um problema, chama-me ao quadro. "*Sr. Carranca Feio*". - o T.S. não gostava do meu último nome, Babo - "*é favor vir ao quadro*". Fui ao quadro e lá fui tentando dar algumas soluções ao problema de que ele falava e de que eu não percebia nada. Ele ia-me interrompendo e perguntando com ar de gozo: "*E o que é que os colegas acham? Acham que é assim?*" Há sempre aqueles idiotas, nem todos, note-se, que fazem por bajulação ou estupidez o jogo do professor, esboçando uns risinhos. Suportei aquilo uma ou duas vezes e, à terceira, declarei que, se era para estar no gozo, não estava ali nem mais um segundo. Abandonei o quadro e dirigi-me ao lugar.

Tirando este episódio, aguentei estoicamente a provação das aulas que, semana após semana, nos colocava a todos, ou quase todos, à prova.

O T.S. revelou-se um alfofre inesgotável. Era contra os computadores. Imagine-se! Em engenharia ser-se contra os computadores. Tudo o que pudesse parecer ter sido feito por um computador, era uma desgraça, o homem ficava irritado. Dizia naquela sua voz única. "*Eu não percebo o que é isto?*" Como se isso fosse novidade?!. Com uma falta de ética inqualificável, manifestava abertamente as suas opções políticas, não se coibindo de criticar as contrárias. Para além de tudo isto e para cúmulo, esgotado que estava o recurso aos trabalhos de casa, e como já não tinha mais exercícios resolvidos em casa que percebesse, brindava-nos com aulas deste género: projectou no quadro as cadeiras que faziam parte da Licenciatura em Engenharia Química da Universidade de Lourenço Marques e leu em voz alta os nomes daquelas cadeiras todas, do primeiro ao último ano, e que, ainda por cima, estavam escritas no acetato projectado. No final, a aula estava acabada. Nós, que tínhamos de passar noites inteiras a trabalhar no departamento, e para quem o tempo era tão precioso, obrigados a suportar tamanha idioti-

ce! Outra aula memorável foi aquela onde resolveu projectar uma série de anedotas. As anedotas eram do género: "Qual é o teorema do estudante?" - "O tempo é proporcionalmente mais curto à medida que o exame se aproxima." - Não queiram saber as outras. Na cadeira de projecto, gastava-se o tempo, que tanta falta fazia, deste modo. Claro que havia quem achasse graça, mas, quanto a esses, não vale a pena tecer comentários, mais tarde ou mais cedo revelar-se-ão, por onde quer que andem, na plenitude do seu execrável ser.

A nossa vingança consistia, em, durante as aulas, interrogarmos o T. S. acerca das questões relacionadas com o projecto. Se não fosse quem era, até teria tido pena. Um sofrimento que só visto. Não sabia o que dizer, refugiava-se naquele seu sorriso. Era tão constrangedor que lá o deixávamos dar a aula por terminada o mais depressa que podia. Descobrimos assim uma maneira de ganhar tempo e das aulas acabarem mais cedo do que o previsto.

Na segunda frequência, fui de longe, a pessoa que mais estudou para a prova. Deixei propositadamente de fazer outros exames no segundo semestre para que, desta vez, a frequência estivesse tão boa que o T. S. não me pudesse baixar a nota demasiado. Foi precisamente isso o que aconteceu. Obtive 13 valores, tendo sido prejudicado tanto ou mais do que na primeira frequência. Colegas que tinham confessamente errado muito mais do que eu apareciam novamente com notas muito superiores.

No final do ano, e pela sua falta de carácter, o T. S. não teve a coragem de me reprovar. Atribuiu-me a nota de dez valores, na cadeira de maior peso na média final do curso e em que normalmente as classificações andam acima de catorze valores. As minhas colegas de grupo foram também prejudicadas, embora, salvo erro, tivessem obtido na ordem dos doze, treze

valores. Notas diferentes num grupo com o mesmo projecto! Com o T.S. não era de estranhar.

---«O»---

Como eu inúmeras pessoas trazem consigo histórias do mesmo teor. Injustiças a que foram sujeitas, perseguições, humilhações, discriminações de todo tipo e tantas coisas mais, de certo bem mais graves e dramáticas do que esta. Porquê então, vir passados anos sobre tudo isto, relatar o que, embora grave, é no fundo tão comum? Precisamente esse facto. Constatado, com o passar do tempo, que os T. S. proliferam impunes, em grande escala, em todos os campos da nossa vida. Cada um deixa atrás de si a terrível herança de insofismáveis seguidores de novos recursos e talentos. Nesta democracia institucional imperam os tiranos. Seja qual for a área, eles aí estão, dispostos a tudo. Facilitados pela sua falta de escrúpulos, chegam às suas ambições de poder. É claro que em relação ao Professor, seja ele de que nível for, a responsabilidade é extraordinariamente acrescida. Pela posição que assume perante o aluno, o professor, na sua acção, é sempre e acima de tudo um educador. Pode-o ser de modo inconsequente, ser apenas uma referência, negativa ou positiva, mas tem, a todos os níveis, uma inegável influência. Os T. S. corrompem a mentalidade jovem, impõem-lhe os seus tetricos valores e ensinam-lhe que é preciso não olhar a meios para atingir a falsa glória das suas tiranias. Depois é vê-los por aí, vendendo-se ao que lhes saciam a sua ambição. Que eles existem, do ponto mais baixo ao mais alto da hierarquia do estado, todos sabemos. Sempre assim foi e sempre assim será, mas que sejam em número tão elevado, eis a angústia que me move.

---«0»---

No pós revolução, varreram muito do pó que havia nas Universidades Portuguesas, mas deixaram ficar o lixo, o que lá estava e o que trouxeram agarrados a eles. Não possuo qualquer tipo de poder, de influência efectiva, por inépcia, desinteresse, omissão, mas quero, como puder, erguer a minha voz, para que num grito de revolta e indignação, ela ecoe junto dos que se importam, e que, numa voz uníssona clamemos verdadeira revolta contra todos os T. S. deste mundo.

NOTA:

Para saber mais sobre Miguel Carranca Feio Babo visite a sua página na Internet em <http://figueira.net/babo>.

A presente edição deste livro (disponibilizada gratuitamente através da Internet) é resultado de um protocolo de colaboração entre o Autor e a Figueira.net – A Figueira da Foz na Internet (<http://figueira.net>).

O Autor autoriza a reprodução desta obra livre de quaisquer encargos desde que a mesma permaneça rigorosamente inalterada. Toda e qualquer reprodução (integral ou parcial) terá sempre de identificar o Autor (Miguel Carranca Feio Babo) e a origem (<http://figueira.net/babo>). Se não cumprir estes requisitos estará a lesar a propriedade intelectual e material do Autor.

Se gostou de ler este livro pode demonstrá-lo adquirindo-o (para si ou para oferecer) na Figueira da Foz (Casa Havaneza ou Papelaria Lusitana) ou em Coimbra (Coimbra Editora, Nova Almedina ou livraria da Associação Académica de Coimbra) ou então fazendo chegar os seus comentários ao Autor por e-mail através do endereço miguel.babo@clix.pt.

O AUTOR:



Miguel Carranca Feio Babo

Telefone: (+351) 233423951

E-mail: miguel.babo@clix.pt

Página: <http://figueira.net/babo>

